

**O Discurso da “Cura Gay”
nas Igrejas Neopentecostais**

**The “Gay Healing”
Discourse in Neo-Pentecostal Churches.**

Samuel Bernardo da Trindade¹

RESUMO

Busca-se neste artigo abordar questões sobre a homossexualidade e o posicionamento religioso de igrejas cristãs neopentecostais sobre a “cura gay”. O artigo parte dos estudos da análise do discurso francesa dialogando com conceitos da Polêmica, iniciado pelo Círculo de Bakhtin e desenvolvida por Dominique Maingueneau, que trata de discursos em embates de um mesmo tema circunscrito no mesmo Espaço Discursivo em determinada formação discursiva. A pesquisa objetiva compreender a produção social de sentidos, realizada por sujeitos históricos, por meio da materialidade presente na linguagem. Como se vê, cada vez mais a mídia tem-se tornado objeto privilegiado das investigações dos analistas de discurso, busca-se analisar textos da *Revista Veja São Paulo* sobre “A ‘cura gay’ nas igrejas evangélicas” e mostrar a importância da aproximação entre análise do discurso e estudos da mídia, a fim de compreender os movimentos discursivos das condições de produção do discurso sobre a suposta cura gay pregado pelos pastores de igrejas neopentecostais que vai de encontro ao debate atual na sociedade sobre a homossexualidade.

PALAVRAS-CHAVE

Discurso Religioso. Polêmica como Interincompreensão. Homossexualidade.

¹ Mestrando em Texto, Língua e Cultura no programa de pós-graduação da Universidade Federal da Bahia, PPGLinC/UFBA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6050479808931187>.

ABSTRACT

This article seeks to address questions about homosexuality and the religious positioning of neopentecostal Christian churches on “gay healing”. The article starts from studies of the analysis of French discourse dialoguing with concepts of polemic, initiated by the Bakhtin Circle and developed by Dominique Maingueneau, which deals with discourses in clashes of the same theme circumscribed in the same Discursive Space in a given discursive formation. The research aims to understand the social production of meanings, performed by historical subjects, through the materiality present in language. As it turns out, the media has increasingly become a privileged object of discourse analyst investigations. We seek to analyze the texts of *Veja São Paulo* magazine on “The ‘gay cure’ in evangelical churches” and to show the importance of the approximation between discourse analysis and media studies in order to understand the discursive movements of the discourse production conditions of the alleged gay cure preached by the Neopentecostal church pastors that goes against the current debate in society about homosexuality.

KEYWORDS

Religious Discourse. Controversy as Interincomprehension. Homosexuality.

Introdução

Neste artigo² pretendemos falar do atual debate sobre a homossexualidade e a crença religiosa do posicionamento de igrejas cristãs neopentecostais³ sobre a suposta “cura gay” quando na efervescência

² Artigo apresentado no SEDis – Seminário de Discursos na UFBA- Universidade Federal da Bahia em 24 de novembro a 26 de novembro de 2014, na cidade de Salvador, BA.

³ O termo neopentecostal é usado com referência à terceira fase do movimento pentecostal brasileiro, a partir da década de 60. Considera-se o fenômeno mais revolucionário da história do cristianismo no século 20. [...] segundo cálculos de especialistas, cerca de meio bilhão de adeptos ao redor do mundo. [...] acarretou mudanças profundas no panorama cristão, [...] propondo reinterpretações muitas vezes bastante

da eleição de Marcos Feliciano ao assumir o cargo de presidente da Comissão dos Direitos Humanos do Legislativo Brasileiro. No percurso, partiremos dos estudos da análise do discurso francesa, dialogando com conceitos de polêmica como interincompreensão, iniciado pelo Círculo de Mikhail Bakhtin e desenvolvida por Dominique Maingueneau, ao referir-se aos discursos em embates em que se confrontam a partir de mesmo campo discursivo em pelos menos em duas formações discursivas. Esta pesquisa objetiva compreender a produção social de sentidos, realizada por sujeitos históricos, por meio da materialidade presente na linguagem.

Como cada vez mais a mídia tem-se tornado objeto privilegiado das investigações para os estudiosos da análise de discurso, procuramos mostrar a importância da aproximação entre análise do discurso, estudos da mídia e a polêmica a fim de analisar os movimentos discursivos das condições de produção do discurso sobre a suposta cura gay apresentada pelos pastores de igrejas neopentecostais que vai de encontro ao debate atual sobre a homossexualidade. Tratamos do discurso de “cura gay” nas igrejas neopentecostais, matéria publicada na seção Comportamento da Revista Veja São Paulo, doravante, VejaSP.

No discurso midiático há um importante debate sobre questões sociais, dentre elas as relacionadas aos direitos à homossexualidade. Assim, no presente artigo buscamos apresentar reflexões sobre os conceitos de condições de produção e subjetividade, a partir da teoria do discurso de Michel Pêcheux e de outros teóricos como Dominique Maingueneau, a fim de analisar o Discurso Religioso (DR) da cura de gays nas igrejas neopentecostais. Problematizamos as condições de produção e as subjetividades com o fim de identificar a constituição dos sentidos em texto publicado no site da Revista Veja São Paulo, em sua edição de 28 de junho de 2013, intitulada *Nos bastidores da cura gay*, e republicada no Blog do colunista Ricardo Setti em 25 de maio de 2014.

Na referida proposta de análise do campo interdisciplinar, recorreremos à teoria das formações sociais e de suas transformações no contexto

radicais da teologia, do culto e da experiência religiosa. MATOS, Alderi Souza de. *O Movimento Pentecostal reflexões a Propósito do seu primeiro centenário*. São Paulo: FIDES REFORMATATA XI, n. 2, p. 23-50, 2006, p. 24.

social e, para isso, utilizamos conceitos de sociedade e de sujeito na análise dos enunciados selecionados⁴, com o objetivo de perceber não apenas o dito que já está ali, mas, sobretudo, o não dito constituinte de sentido, que permite no jogo da linguagem identificar um discurso polêmico que vai de encontro ao debate atual da sociedade a respeito da homossexualidade.

O *corpus* de análise são os enunciados proferidos pelos pastores entrevistados, bem como de pessoas que registram comentários sobre suas posições relacionadas à temática e da própria matéria publicada. Pretendemos responder as seguintes questões: como se dá o processo de construção de subjetividades na voz dos pastores entrevistados e no discurso midiático e identificar o posicionamento tocante à homossexualidade e sua relação com o debate atual na sociedade.

Conceitos

Do ponto de vista teórico, optamos pela análise do discurso francesa, conforme se representa nas próprias categorias já destacadas: a análise do discurso francesa pecheutiana, principalmente sua terceira fase, pois é nesta fase que a relação interdiscursiva no qual se estrutura a identidade das Formações Discursivas⁵.

Ao considerar a intrínseca relação entre a língua e a fala, Brandão destaca a relevância do estudo do discurso, fazendo reconhecer a dualidade constitutiva da linguagem, atravessada por entradas subjetivas e sociais, permitindo deslocar dos estudos linguísticos compreendidos na problemática colocada pela oposição língua/fala.

As Condições de Produção constituem a instância verbal de produção do discurso: o contexto histórico-social, os interlocutores, o lugar de onde falam e a imagem que fazem de si, do outro e do referente. Como podemos ver:

⁴ TOURAINE, Alain. *Crítica da Modernidade*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

⁵ MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (org.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*, Vol. II, 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 120.

Numa perspectiva oposta a dessa concepção da análise do discurso como extensão da linguística, Orlandi aponta uma tendência europeia que, partindo de “uma relação necessária entre o dizer e as condições de produção desse dizer”, coloca a exterioridade como marca fundamental. Esse pressuposto exige um deslocamento teórico, de caráter conflituoso, que vai recorrer a conceitos exteriores ao domínio de uma linguística imanente para dar conta da análise de unidades mais complexas da linguagem⁶.

Maingueneau destaca que há [...] uma regularidade semântica para além da heterogeneidade dos tipos de tipos, dos autores, de sua dispersão no tempo e no espaço⁷. Assim quanto à historicidade diz que nós nos situamos no lugar em que vêm se articular um funcionamento discursivo e sua inscrição histórica, procurando pensar as condições de uma “enunciabilidade” passível de ser historicamente circunscrita⁸.

Brandão⁹, parafraseando Orlandi, afirma que o discurso é o efeito de sentido construído no processo de interlocução, opõe-se a concepção de língua como mera transmissão de informação. Nesse sentido, o discurso não pode ser tomado em si mesmo e nem é do domínio exclusivo do locutor: aquilo que se diz significa em relação ao que não se diz, ao lugar social do qual se diz, para quem se diz, em relação a outros discursos; e constituído pelo conjunto de enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva.

De acordo com Maingueneau¹⁰, entre as duas formas de ler a oposição campo linguístico, destaca que a primeira revela uma hierarquia entre o que depende plenamente do campo da linguística [...] e a segunda, a dualidade radical da linguagem, a um só tempo, integralmente formal e integralmente atravessada pelos embates subjetivos e sociais. Isto

⁶ BRANDÃO, Helena H. N. *Introdução a Análise do Discurso*. 2. ed. rev. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004, p. 15.

⁷ MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos Discursos*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 29.

⁸ MAINGUENEAU, 2008, 17.

⁹ BRANDÃO, Helena H. N. *Introdução a Análise do Discurso*. 2. ed. rev. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

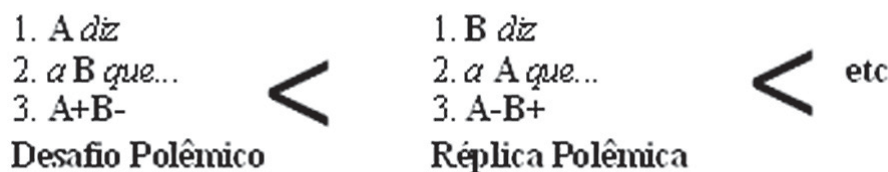
¹⁰ MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes/Ed. Unicamp, 1997, p. 12.

quer dizer que um discurso não privilegia um de seus aspectos (léxico, sintaxe, etc), mas se materializados, sobretudo, em todos eles, isto é, na materialidade linguística¹¹.

Os estudos sobre a polêmica foram desenvolvidos pelo Círculo de Bakhtin e, posteriormente, por Maingueneau e outros estudiosos da linguagem, que apresentam grande contribuição para a análise de um tipo de enunciado que se contrapõe a outros, sobre o mesmo objeto: “O discurso não escapa à polêmica tanto quanto não escapa a interdiscursividade para se constituir”¹². Maingueneau retoma e rediscute elementos da análise de discurso em que teoriza sobre as relações polêmicas a partir do discurso religioso e apresenta contribuições para a análise. Como apresenta Brandão:

A polêmica se instala quando há coexistência, num mesmo espaço discursivo, de dois polos em torno dos quais se estruturam formações discursivas oponentes. Polemizar é, nesse sentido, tentar falsificar a fala do outro, é desqualificar o discurso do adversário numa situação em que duas posições antagônicas se confrontam e se afrontam¹³.

Há assim, uma troca de subjetividades em que os interlocutores articulam representações recíprocas. A enunciação é concebida como processo articulado sobre as três pessoas morfológicas: enunciador, enunciatário e enunciado. Assim, apresenta-se uma visualização:



(Brandão, 1998, p. 229 apud Brandt, 1980)

¹¹ POSSENTI, Sírio. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Editora Parábola, 2009, p. 65.

¹² MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos Discursos*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 117.

¹³ BRANDÃO, 1998, p. 229.

O discurso religioso e a mídia

O discurso religioso é geralmente classificado como discurso autoritário e portador de verdades divinas e universais. Nele, trata-se da fé através da dogmática em que Deus, seu poder e controle são irrefutáveis e intocáveis. O discurso religioso é caracterizado como aquele que fala a voz de Deus: a voz do padre – ou do pregador, ou, em geral, de qualquer representante divino¹⁴. As regras gerais pelas quais o representante de Deus se apropria de sua voz é regulada pelo texto sagrado, pela Igreja e pelas Cerimônias, conforme nos diz Orlandi:

a fé é o parâmetro pelo qual se delimita a comunidade e constitui o escopo do discurso religioso em suas duas formas características: para os que creem, o discurso religioso é uma promessa, para os que não creem é uma ameaça¹⁵.

O discurso religioso já presente na mídia, que forma opinião e participa dos debates da atual sociedade, além de seu discurso eclesialístico para aqueles que já são adeptos da igreja, toma sentido na formação de opinião para os que estão fora da igreja, buscando também alcançá-los. É daí que se busca entender a delimitação desses discursos, como também sua natureza e funções no discurso midiático por tomar espaço nas mídias pelo debate.

Dessa forma, a fim de entender as relações existentes no discurso, Possenti aponta que:

é no interior do campo discursivo que se constitui um discurso, e esta constituição pode deixar-se descrever em termos de operações regulares sobre formações discursivas já existentes. Esses discursos não se constituem da mesma forma em todos os discursos desse campo; e que *a priori* não se pode determinar as modalidades das relações entre diversas formações discursivas de um campo¹⁶.

¹⁴ ORLANDI, Eni. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, São Paulo: Pontes, 2006, p. 243.

¹⁵ ORLANDI, 2006, p. 250.

¹⁶ POSSENTI, Sírio. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Editora Parábola, 2009, p. 161.

Desta forma, no que diz respeito à emergência de discursos e grupos que discutem as relações entre religiões cristãs e homossexualidade observa-se que eles só podem ser entendidos dentro de condições sócio-históricas específicas¹⁷. No Brasil, as transformações sociais foram significativas por meio da atuação e organização política dos movimentos homossexuais desde a década de 90, em especial, em relação às temáticas relacionadas aos direitos civis, à reivindicação da despatologização, à luta contra a violência e a discriminação e, principalmente, ao enfrentamento da epidemia de AIDS. Nesse cenário, “despontam questionamentos sobre a ‘inclusão’ de gays e lésbicas em espaços religiosos, proferidos por atores sociais ligados aos movimentos ativistas”¹⁸.

As relações sócio-históricas da produção do discurso

Desde a década de 70, segundo Oliveira, já existiam marcas pela valorização da sexualidade e gêneros considerados marginalizados. E a partir de 1990 é que se produz a ressignificação, surgindo vários movimentos pela causa da diversidade sexual. A respeito das diversas formas de masculinidades, busca analisar a filiação do discurso das masculinidades e as práticas discursivas do discurso da diversidade sexual:

Algumas práticas o discurso das masculinidades, como busca da ressignificação positiva da homossexualidade, a busca da afirmação da diversidade sexual e de gênero e o surgimento da identidade metrosssexual, funciona como sustentação dos dizeres dos estudos das masculinidades e na consolidação desse próprio discurso¹⁹.

O contexto no qual a discussão sobre a homossexualidade e questões relacionadas aos direitos dos sujeitos da população LGBT é retomada se

¹⁷ FACHINI, 2005, p. 154, citado por NATIVIDADE, Marcelo. Uma homossexualidade santificada?: etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. *Religião e sociedade*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, 2019, p. 103. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rs/v30n2/a06v30n2.pdf> > Acesso em 25 set. 2019.

¹⁸ NATIVIDADE, 2010, p. 91.

¹⁹ OLIVEIRA, Fábio Araújo. O discurso das masculinidades: já dito, pré-construído, o dizível. In: SANTOS, Elmo. (Org.). *Transdiscursividades: linguagem, teorias e análises*. Salvador: EDFUBA, 2018, p. 124).

dá quando da notícia que um parlamentar cristão assumiria a Comissão de Direitos Humanos e Minorias. O pastor Marco Feliciano assumiu a Comissão de Direitos Humanos. Domingos Dutra (PT-MA) renunciou à presidência, por se recusar a comandar a eleição sem a participação dos movimentos organizados, como se pode se ver na matéria publicada em O Globo versão online:

Brasília – Com 11 votos e um voto em branco, a Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados elegeu o polêmico pastor Marco Feliciano (PSC-SP) para o cargo de presidente. Antes da eleição, Domingos Dutra (PT-MA) renunciou ao cargo de presidente, por se recusar a comandar a eleição sem a participação dos movimentos organizados que estão impedidos de entrar na sala da comissão. A reunião ocorreu fechada por determinação do presidente da Câmara, Henrique Eduardo Alves.

O projeto de autoria do deputado João Campos, do PSDB de Goiás, por causa de sua repercussão na mídia, foi apelidado de “cura gay”. Logo, o debate na sociedade surge do ensejo do presidente da Frente Parlamentar Evangélica em buscar o veto da validade de dois dispositivos da Resolução 1/99 do Conselho Federal de Psicologia, que impediriam os psicólogos de usar a mídia para reforçar preconceitos ou propor tratamento para pessoas da população LGBT. Desta forma, trata da retirada da homossexualidade da Classificação Internacional de Doenças (CID).

O referido Projeto de Decreto Legislativo, do deputado federal de Goiás, João Campos, visava sustar a aplicação do parágrafo único do Art. 3º e o Art. 4º, da Resolução do Conselho Federal de Psicologia nº 1/99 de 23 de Março de 1999, que trata do estabelecimento de normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual. Mas ele toma força e entra em cena nos debates na mídia televisiva e na rede mundial de computadores a partir de 2012.

Considerando as relações sócio-históricas da produção do discurso, a referida Resolução do Conselho Federal de Psicologia nº 001/99 de 22 de março de 1999 estabelece “normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual”. Entre os alguns considerandos, no que se refere à prática profissional, independentemente da área em

que esteja atuando, o psicólogo é frequentemente interpelado por questões ligadas à sexualidade.

O segundo artigo do Conselho Federal de Psicologia, enfatiza que os psicólogos deverão contribuir, com seu conhecimento, sobretudo, em busca de construir reflexões sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações, bem como estigmatizações contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas. Refere-se aos indivíduos que vivenciam suas orientações de sexualidades e identidades de gêneros, ou seja, os sujeitos da população LGBT.

Por fim, diante do debate na sociedade, a ‘cura gay’ foi aprovada na Comissão presidida por Feliciano, como relata matéria publicada no site Pragmatismo Político. De acordo com o referido site:

Antes de virar lei, o projeto ainda terá de ser analisado pelas comissões de Seguridade Social e Família e de Constituição e Justiça até chegar ao plenário da Câmara. Se aprovada pelos deputados federais, a proposta também terá de ser submetida à análise do Senado. Somente então a matéria seguirá para sanção ou veto da Presidência da República. (Pragmatismo Político).

É neste cenário que personagens que transitam no âmbito eclesiástico político, por meio da mídia, em alguns casos, que detém esses espaços midiáticos (televisão, rádio, rede mundial de computadores, jornal on line, jornal impresso e site, blogs etc), envidaram esforços para fazerem valer a “voz de Deus”, levando ao público em geral a forma de fé cristã nos moldes de ética e moral cristãs fundamentalistas.

Análise dos enunciados

Iniciamos esta seção com a afirmação que o sujeito não é mais a presença em nós universal, quer lhe demos o nome de leis da natureza ou criação divina. Ele é o apelo à transformação do Si-mesmo em ator. Ele é Eu, esforço para dizer Eu, sem jamais esquecer que a vida pessoal está repleta, de um lado, de Id, de Libido, e de papéis sociais²⁰. No que tange

²⁰ TOURAINE, Alain. *Crítica da Modernidade*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 224.

à vida concreta, os seres humanos estão envolvidos com seus interesses sociais, com sua herança cultural, sua personalidade individual, tentam ser diferentes uns dos outros, procuram não ser manipulados pelas mensagens e pelas pressões de uma sociedade de massa, autoritária ou não, delineando seus próprios percursos individuais no tempo e no espaço²¹. Na perspectiva de análise, podemos dizer que é no interior do campo discursivo que se constitui um discurso, e levantamos a hipótese de que essa constituição pode deixar-se descrever em termos de operação regular sobre formações discursivas já existentes²².

Considerando a análise do discurso jansenista e do discurso do humanismo devoto, dois discursos religiosos em relação polêmica, Maingueneau afirma que, em geral, o analista não estuda a totalidade de um campo discursivo, mas extrai dela um subconjunto, neste caso um Espaço Discursivo, constituído de pelo menos dois posicionamentos discursivos que mantêm relações particulares fortes:

O discurso não é nem um sistema de “ideias”, nem uma totalidade estratificada que poderíamos decompor mecanicamente, nem uma dispersão de ruínas passível de levantamentos topográficos, mas um sistema de regras que define a especificidade de uma enunciação²³.

Abaixo apresentamos os enunciados das duas formações discursivas com o objetivo de análise do material: os enunciados FD1 com relação ao posicionamento do discurso religioso fundamentalista de enunciados de pastores neopentecostais e os enunciados FD2 relacionados ao discurso religioso inclusivo da pastora de uma igreja neopentecostal e também inclusiva.

Nesse sentido, consideramos uma análise do posicionamento do discurso religioso pentecostal e, em especial neopentecostal, a partir do recorte que, no Espaço Discursivo construído pelo analista, que apresenta um discurso com implicações político-ideológicas de discurso

²¹ TOURAINE, Alain. *Igualdade e Diversidade: o sujeito democrático*. Tradução de Modesto Florenzano. Bauru: EDUSC, 1998, p. 70.

²² MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos Discursos*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 44.

²³ MAINGUENEAU, 2008, 19.

excludente e discurso inclusivo. A análise não é propriamente uma análise do discurso religioso, em sua totalidade, considerando as muitas igrejas, sobre a “cura gay”, mas uma análise do discurso religioso mediada pelas grandes empresas midiáticas do Brasil e pelo discurso político, neste caso, através de recortes selecionados das entrevistas realizadas pela revista VejaSP.

Imagem e título



Nos bastidores da cura gay

A reportagem de Veja São Paulo percorreu dez igrejas evangélicas da capital para saber o que os pastores pregam sobre a homossexualidade

A imagem que fora utilizada na revista para introduzir a matéria já apresenta um quadro de ações especiais evangelísticas, chamadas de campanhas de “libertação e cura”, onde aparecem dois homens vestidos com roupas que remetem a cores da bandeira brasileira e pastores orando para que estes sejam libertos de um terrível pecado que destrói a imagem de Deus. Busca, portanto, reproduzir o que geralmente acontece nos cultos evangélicos: a tentativa de reverter a sexualidade de sujeitos da população LGBT. A imagem (charge) utilizada na revista para introduzir a matéria já apresenta um quadro de campanha de “libertação e cura”. A imagem retrata o culto neopentecostal símile das campanhas de grande alcance de público.

Orientações de líderes das igrejas neopentecostais para a cura gay

O contexto no qual surge a discussão em torno da temática da homossexualidade e seus direitos civis, agora, apresenta-se de forma mais acirrada por causa das implicações políticas e midiáticas. No entanto, esse debate já é uma realidade, pois os fundamentalistas polemizam em detrimento dos direitos de outros sujeitos pertencentes da população LGBT. Assim que o Pr. Marco Feliciano (PSC/SP) assume a Comissão de Direitos Humanos, o deputado Domingos Dutra (PT/MA) renuncia à presidência, por se recusar a comandar a eleição sem a participação dos movimentos organizados. Projeto do Dep. João Campos do (PSDB/GO), por causa da sua repercussão na mídia, foi apelidado de “cura gay”, pois visava sustar a aplicação do parágrafo único do Art. 3º e o Art. 4º, da Resolução do Conselho Federal de Psicologia nº 1/99 de 23 de Março de 1999.

Na matéria da revista *VejaSP*, a reportagem traz a informação de que em nove dos dez endereços de igrejas neopentecostais visitados pelo repórter, segunda a reportagem, o repórter não se identificou, mas simulou ser uma pessoa pedindo orientações espirituais sobre a suposta “cura gay”. Os pastores e líderes das igrejas entrevistadas trataram a homossexualidade como um pecado e deram conselhos para a conversão, enfatizando a mudança de vida e atitudes por parte do indivíduo “salvo”. Na análise dos enunciados de ‘falas’ de pessoas entrevistadas, líderes religiosos, observa-se a manutenção de seu discurso, a partir de interpretações fundamentalistas bíblicas quanto às questões relacionadas à homossexualidade.

Apresentamos alguns enunciados extraídos dos ‘conselhos’ e/ou orientações que os líderes religiosos ofereceram, que supostamente garantiria a cura dos gays: “Sou gay e quero saber se é possível trocar de lado.” Vejamos:

(01)

Precisa seguir o ditado bíblico: “Vigiai para não entrar em tentação”. É fundamental que o senhor se case para aceitar Jesus, se libertar e não pensar em homem. [...] Não há o risco de minha

companheira ser infeliz? – Ela não precisa saber que o senhor era gay. A *Bíblia* diz que varão não pode ter relacionamento com outro varão. A homossexualidade é um pecado mortal, assim como matar. (Igreja Cristã Pentecostal Independente Maravilhas de Jesus, pastor Aristides de Lima Santos).

No enunciado (01), temos uma referência ao texto de Mt 26, de forma parafraseada do seguinte texto: “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca.” “Não te deitarás com varão, como se fosse mulher; é abominação.”, conforme pode-se ver no livro de Levítico 18,22 [...]. Outro texto clássico que os religiosos fazem uso constantemente é o de Levítico 20,13: “Se um homem se deitar com outro homem, como se fosse com mulher, ambos terão praticado abominação; certamente serão mortos; o seu sangue será sobre eles.” Os textos remetem à uma memória, à intertextualidade. O enunciado traduz o discurso do texto bíblico que representa a voz de Deus, conforme o discurso religioso cristão fundamentalista interpreta.

(02)

Para Deus, nada é impossível. Não é natural ser assim: 100% dos homossexuais sofreram feitiço. (Comunidade Cristã Paz e Vida, no centro, pastora Maria do Carmo Moreira).

(03)

Sim, conheço alguns pastores que eram assim e hoje são casados e têm filhos. Assim como um viciado em cocaína precisa se livrar dos amigos drogados, um homossexual tem de deixar de lado a sua turma. É preciso também evitar bares e baladas para não cair em tentação. (Igreja Universal do Reino de Deus, pastor André Luís).

Nos enunciados (02) e (03), o enunciador produz generalizações ao dizer que “**100%**” das pessoas da população LGBT sofrem algum tipo de “**feitiço**”, uma tendência de demonizar o culto afro brasileiro, além de utilizar-se desse preconceito para causar outro tipo de preconceito. Ao afirmar a homossexualidade, entram aí também outras categorias dos sujeitos da população LGBT.

“Não é natural” binarismo sexual, “Deus criou”. “como um viciado em cocaína precisa se livrar dos amigos drogados”, e “**um homossexual**

tem de deixar de lado a sua turma”. No enunciado, verifica-se que mesmo o enunciador tentando oferecer e orientar para a suposta cura gay, diz: “para não cair em tentação”. Apesar de ainda considerar como pecado, no deslizamento de sentido, “cair”, significaria a não possibilidade de reversão, mas sim uma afirmação de que é um desejo de uma sexualidade que existe e que o discurso fundamentalista acaba por negar as subjetividades dos homossexuais.

(04)

No começo, precisa vir pelo menos quatro vezes por semana à igreja para tirar o capeta do seu corpo. Pagar os 10% do dízimo também é fundamental. É devolver para Deus a graça de você ter ido para o caminho certo. (Igreja Universal do Reino de Deus, pastor André Luís).

A regularidade de frequência nos cultos e reuniões de exorcismos garantiria a suposta cura, “*tirar o capeta do seu corpo*”, como demonstrado no enunciado (04). No enunciado, atribui-se geralmente a um espírito mal e/ou ruim que supostamente causaria o “mal”. Em contrapartida, no suposta cura espiritual do suposto mal, o sujeito tem de ser grato pela graça recebida, percebida na expressão, “*ter ido para o caminho certo*”. Isto significa dizer que nesse tipo de discurso, a tentativa é sempre de negar a subjetividade de uma sexualidade desviante e reiterar que é algo errado, anormal, isto é, que é pecado no contexto do discurso religioso.

(05)

É fundamental, caso contrário vai para o inferno. Isso é coisa do capeta. Igreja Mundial do Poder de Deus, na Zona Leste (pastor Eder Brotto).

(06)

Para tirar a influência do diabo, precisa fazer uma série de orações. (Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus, na Zona Leste, pastor Paulo Rogério)

(07)

Sugiro que se entregue a Deus, ore e frequente cultos de libertação. (Casa da Bênção, na Zona Leste, (pastor Cléber Lana).

O discurso religioso fundamentalista acaba por excluir os sujeitos LGBT nessa tentativa de curá-los. No enunciado (05), na expressão: “vai para o inferno. Isso é coisa do capeta, ir para o inferno, em contrapartida, significa não ir para o céu. Assim, nega-se a subjetividade desses sujeitos. Esse conceito presente nesse tipo de discurso, considera como se fosse “a influência do diabo” (06), sempre com doses de orações e regularidade em frequentar as reuniões e os cultos. Como podemos ver na expressão: “ore e frequente cultos de libertação”. (07). Os enunciados (05), (06) e (07) reiteram que o sujeito LGBT teria um espírito mal e precisa ser exorcizado. Alude a ideia de pecado e ainda demoniza a religião de matriz africana, além de aumentar o preconceito com relação aos indivíduos sobre suas sexualidades e identidades de gênero.

(08)

Quase todos eles tentaram se ‘salvar’ e não conseguiram. É normal recebermos aqui gente que já quis se matar várias vezes devido a esses processos, que causam um problema sério de autoaceitação. (Pra. Lanna Holder, Comunidade Cidade de Refúgio).

No enunciado (08), temos a expressão: “Quase todos eles tentaram se ‘salvar’.” e já na expressão: “não conseguiram”. Não é cura, é uma suposta cura e o advérbio não, como partícula de negação, sintetiza que no discurso religioso cristão inclusivo é percebida, entendida e respeitada a subjetividade dos sujeitos da população LGBT. No seu lugar de posicionamento discursivo, de uma igreja inclusiva, reconhece que é de certa normalidade de pessoas frustradas na tentativa de se curar. Isso é reforçado pela expressão: “recebermos aqui gente que já quis se matar várias vezes devido a esses processos”. No discurso inclusivo, reitera na voz da pastora Lanna Holder, que tais situações decorrem de um problema sério de autoaceitação dos sujeitos dessa população, mas sobretudo de efetiva exclusão dos sujeitos por serem considerados doentes, neste caso doentes espirituais.

Todos os pastores e igrejas, exceto a pastora Lanna Holder, é representante de uma igreja que sustenta o discurso inclusivo. A Comunidade Cidade de Refúgio é uma igreja neopentecostal e inclusiva, fundada e dirigida por uma pessoa lésbica. Dialogando com o conceito do discurso

religioso inclusivo, trazemos um enunciado extraído do documentário “O Mesmo Amor”, que traz alguns depoimentos de membros e pessoas que vivenciam sua fé numa igreja inclusiva, neste caso, a Igreja Evangélica Para Todos (IPT).

“E aí é que vem a grande frustração, você se depara. É... apaixonado por um rapaz... ou admirando e poder falar: ‘que rapaz bonito’. Aí já vinha na minha mente, ôpa. Se eu tive esse sentimento, é porque eu não **tu curado!!!**” (O MESMO AMOR, 2013, 3m22s-3min38s)²⁴. Júlio, nome fictício de um membro da Igreja Para Todos. (Grifos meus). Aqui apresenta posicionamento diverso daquele que se refere ao discurso fundamentalista, as igrejas inclusivas... outro discurso que reivindica representar a voz de Deus, que é o caso das igrejas cristãs inclusivas.

Outra igreja inclusiva é a Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo (ICMSP)²⁵, considerada a primeira igreja fundada para as pessoas da população LGBT. A partir de releituras dos textos bíblicos, como acontece com as igrejas inclusivas, destaca no seu texto o Código Sacerdotal²⁶, sobre as leis levíticas que eram destinadas a manter o povo hebreu puro e separado de outros povos, sobretudo dos que adoravam ídolos sacrificando crianças, com a “prostituição sagrada” tanto masculina como feminina, nos cultos à fertilidade. [...]:

A questão do Levítico era religiosa, e não ética ou moral, isto é, não se cogitava que o sexo em si era bom ou mau, mas o uso que se fazia dele, neste caso, afastando-se de Deus e indo atrás de outros deuses para os quais se sacrificavam crianças... É interessante notar que neste mesmo Código, está escrito: “Não oprimirás o teu próximo, nem o salário de teu empregado ficará contigo até o outro dia” (Lv 19,13) que poucos e poucas citam e lembram... A própria palavra

²⁴ Esse enunciado faz parte do arquivo que compõe os Posicionamentos Discursivos (Discurso Religiosos Cristão Fundamentalista e o Discurso Religioso Cristão Inclusivo) sobre as subjetividades dos sujeitos LGBT em relação a sua inclusão na igreja.

²⁵ A Igreja da Comunidade Metropolitana é uma igreja inclusiva, buscar fazer interpretação do texto bíblico a partir de análises histórico-sociais a partir de uma hermenêutica atualizada.

²⁶ Fonte disponível em: <http://www.icmsp.org/icm/index.php/homossexualidade-e-a-biblia/levitico-18-22>

“abominável”, no hebraico: *toevah*, seria mais bem traduzida, e o é, por tradutores mais sérios e capacitados, por “impuro”, ou “falta de limpeza”, o que tem um sentido totalmente diferente²⁷.

Em contrapartida, a igreja fundamentalista entende que sexualidade e identidade de gênero é pecado, é algo anormal e/ou antinatural e deve ser corrigido, curado, etc. Logo, elas não aceitam qualquer sujeito da população LGBT e não permitem que eles tenham qualquer tipo de participação ou oportunidades na comunidade religiosa, ficando desprovida de exercitar sua religiosidade.

Segundo Natividade, a construção de um modelo específico de homossexualidade, conjugando as ideias de respeito e igualdade entre homossexuais e heterossexuais com relação à vida cristã, permite ver a busca da legitimidade do discurso inclusivo. Natividade acrescenta:

A afirmação de que a homossexualidade é uma forma de expressão legítima da sexualidade humana sinaliza para sua naturalização. A estratégia adotada preconizava a convivência entre pessoas distintas orientações sexuais, de modo a atingir um público mais heterogêneo. Por outro lado, procurava-se estabelecer parâmetros, a serem seguidos por gays e lésbicas, que demarcassem os domínios de uma vida cristã²⁸.

Assim, como apresentamos nos enunciados, há dois posicionamentos discursivos que buscam sua legitimidade ao falar em nome de Deus e por Ele. Esses posicionamentos discursivos podem ser vistos como discursos excludentes e discursos inclusivos. Há uma relação polêmica estabelecida, como diz Maingueneau²⁹, polêmica como interincompreensão, assim dois discursos em embates, partindo do mesmo objeto, disputando em nome da ‘fé’ e nome de Deus, a autoridade do seu discurso. O mesmo Deus, a mesma Bíblia, a mesma Fé Cristã, e um discurso que condena e outro que salva o homossexual e indivíduos das sexualidades e identidades de gêneros dissidentes.

²⁷ Site da ICM-SP, 2015.

²⁸ NATIVIDADE, 2010, p.103.

²⁹ MAINGUENEAU, 2008.

Há disputas, embates no discurso religioso dessa mesma formação discursiva em que há outro discurso que reivindica representar a voz de Deus, que é o caso das igrejas cristãs inclusivas. E, nota-se na voz dos pastores entrevistados e no discurso midiático o posicionamento homofóbico e LGBTfóbico³⁰, em nome de Deus, vendo-os como “doentes espirituais”.

Um dos típicos e tradicionais textos que os cristãos, na sua maioria, utilizam para falar da pecaminosidade que há em ser gay ou qualquer categoria referente à população LGBT é o livro de Levítico, do Antigo Testamento. Há teólogos recentes que veem nesses textos outros motivos, além das estritas, leis veterotestamentárias, mas que nos desafiarão a olhar mais especificamente outras formas do tratamento de mulheres desprovidas de autonomia, o que permite crer que o problema era mais o rebaixamento ou não reconhecimento do seu papel, exacerbando um machismo, até mesmo a misoginia.

Conforme apresenta Maingueneau³¹ em seus estudos sobre a polêmica discursiva e o discurso do Outro traduzido pelo enunciado do Mesmo, temos aqui dois discursos que, a partir da interpretação dos textos bíblicos, em relação intertextual, um discurso inclusivo apresentado pela líder da Comunidade Cidade de Refúgio e, por outro, o discurso excludente, representado por outros pastores de igrejas cristãs neopentecostais. Esses dois operadores de individuação, no discurso polêmico, o próprio enunciado do Outro traduzido pelo enunciado do Mesmo já dão provas implícitas que tratam de discursos que se antagonizam, se repelem, numa determinada cadeia discursiva³². Temos, de um lado, o Discurso excludente e, do outro, o Discurso Inclusivo.

³⁰ O termo LGBTfóbico refere-se à caracterização de pessoas que praticam preconceitos de LGBTfobia. Neologismo para referir-se às categorias da população LGBT. Assim, homofobia, lesbofobia e transfobia ou quando alguma pessoa sofre constrangimento, discriminação ou qualquer tipo de violência por ser julgada lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual ou transgênero.

³¹ MAINGUENEAU, 1997, 2008.

³² MAINGUENEAU, 2008, p. 52.

Reflexões finais

Na análise do discurso e estudos da mídia sobre a suposta cura gay verificou-se os movimentos discursivos das suas condições de produção, além da polêmica estabelecida entre o debate atual na sociedade brasileira sobre a homossexualidade e o discurso que inclui estes sujeitos. As novas igrejas, conhecidas e intituladas como igrejas inclusivas reivindicam representar a voz de Deus e entendem que não há pecado e/ou ato pecaminoso as sexualidades e identidades de gêneros dissidentes de sujeitos que professam a fé. O discurso das igrejas inclusivas agregam as pessoas da população LGBT que vêm buscando, cada vez mais, igrejas que atendam os seus interesses espirituais, que no seu discurso promovam o acolhimento e o cuidado sem preconceitos.

O discurso de uma suposta cura gay é um retrocesso ao pensamento moderno, como preconiza o discurso religioso cristão inclusivo. Para o Discurso Inclusivo, ser cristão significa agir em favor dos sujeitos da população LGBT a fim de inclui-los, não vendo-os como pecadores. O Discurso Fundamentalista determina como principal característica a heteronormatividade e a cisnormatividade como sãs para a vida cristã. Nesse sentido, o texto apresenta o posicionamento do discurso religioso pentecostal, em especial neopentecostal, a partir do recorte que, no Espaço Discursivo construído pelo analista para fins de análises, apresenta um discurso com implicações político-ideológicas. Entre infernos, demonizações e buscas de supostas salvagens, de supostas curas, os sujeitos da população LGBT têm, na voz de Deus, a partir do discurso inclusivo, nas igrejas inclusivas, alimento espiritual, alicerçamento de fé, amor divino, e são vistos, sobretudo, como filhas e filhos de *um* Deus que não faz distinção de pessoas.

Referências

BATISTA Jr., João. *Nos bastidores da cura gay*. In: Revista Veja São Paulo. São Paulo, 28 jun.2013. Seção Comportamento. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/materia/bastidores-cura-gay>>. Acesso em 29 set. 2014.

- BÍBLIA. Português. Revista e atualizada. Trad. de João Ferreira de Almeida. Barueri: SBB, 1993.
- BRAGA, Isabel. *Pastor Marco Feliciano assume Comissão de Direitos Humanos*. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/pastor-marco-feliciano-assume-comissao-de-direitos-humanos-7767447>. Acesso em: 11 set. 2014.
- BRANDÃO, Helena H. N. *Discurso e Polêmica*. In: ATAS do IX Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América latina, Vol. IV. Campinas – Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, 1998.
- BRANDÃO, Helena H. N. *Introdução a Análise do Discurso*. 2. ed. rev. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.
- BRASÍLIA. CÂMARA DOS DEPUTADOS. Decreto Legislativo n. 234/2001. Susta a aplicação do parágrafo único do Art. 3º e o Art. 4º, da Resolução do Conselho Federal de Psicologia nº 1/99 de 23 de Março de 1999, que estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual. Disponível em: http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?-codteor=881210. Acesso em: 03 out. 2014.
- BRASÍLIA. CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução n. 001/99, de 22 de março de 1999. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual. Conselho Federal de Psicologia. Brasília. Disponível em: http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf. Acesso em: 03 out. 2014.
- Discussão sobre ‘cura gay’ opõe deputados em audiência na Câmara. Seção: Política. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2012/06/discussao-sobre-cura-gay-opoe-deputados-em-audienca-na-camara.html>. Acesso em: 08 de set. de 2014.
- IGREJA da Comunidade Metropolitana de São Paulo. *O “Código Sacerdotal” ou “Código da Santidade” de Levítico: “Não te deitarás com um homem como se fosse mulher. É uma abominação” (Lv 18,22 e Lv 20,13)*. Disponível em: <http://www.icmsp.org/icm/index.php/homossexualidade-e-a-biblia/levitico-18-22>. Acesso em 10 set. 2014.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos Discursos*. Trad. Sírio Posenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

- MATOS, Alderi Souza de. *O Movimento Pentecostal reflexões a Propósito do seu primeiro centenário*. São Paulo: FIDES REFORMATATA XI, n. 2, p. 23-50, 2006.
- MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (org.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*, Vol. II, 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 121-136.
- NATIVIDADE, Marcelo. Uma homossexualidade santificada?: etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. *Religião e sociedade*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 90-121, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rs/v30n2/a06v30n2.pdf>> Acesso em 25 set. 2019.
- O MESMO AMOR. Direção: VALLE, Paulo do et al. Campinas, 2001. Disponível em: <<http://cinebabado.blogspot.com/2013/04/documentario-o-mesmo-amor-2013.html>>. Acesso em: Acesso em: 10 ago. 2017.
- OLIVEIRA, Fábio Araújo. O discurso das masculinidades: já dito, pré-construído, o dizível. In: SANTOS, Elmo. (Org.). *Transdiscursividades: linguagem, teorias e análises*. Salvador: EDFUBA, 2012, p.123-149.
- ORLANDI, Eni. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, São Paulo: Pontes, 2006.
- POSSENTI, Sírio. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Editora Parábola, 2009.
- SETTI, Ricardo. *Vejam como se dá a suposta cura gay em igrejas evangélicas*. In: BLOG de Ricardo Setti. São Paulo. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/vejam-como-se-da-a-suposta-cura-gay-em-igrejas-evangelicas/>>. Acesso em 29 set. 2014.
- SOARES, Luís. *'Cura gay' é aprovada em Comissão presidida por Feliciano*. Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/06/cura-gay-e-aprovada-em-comissao-presidida-por-feliciano.html>. Acesso em 10 set. 2014.
- TOURAINÉ, Alain. *Crítica da Modernidade*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- TOURAINÉ, Alain. *Igualdade e Diversidade: o sujeito democrático*. Tradução de Modesto Florenzano. Bauru: EDUSC, 1998.